

Título do simpósio: Historiografia da arquitetura I: métodos, objetos e narrativa

Título do trabalho: Construções de Paulo Santos

Autora: Maria Ligia Fortes Sanches

Titulação: Doutora pela PUC-RJ

Instituição: Professora Associada da FAU-UFRJ

Resumo

Construções de Paulo Santos apresenta a tese de que em sua obra de história – reflexo das formações em arquitetura e em história – estão implícitas duas intenções primordiais: estabelecer novo modo de escrever e de ensinar a história da arquitetura no Brasil e fundar uma historiografia brasileira da disciplina, vinculando o ensino da arquitetura ao seu projeto historiográfico. O fio condutor do processo de formação de Paulo Santos como historiador da arquitetura foi a docência na FNA/UB, pois, professor catedrático da cadeira Arquitetura no Brasil, consolidaria a articulação entre aqueles campos do conhecimento, estabelecendo, assim, o traço singular e marcante de sua trajetória profissional. O tema é tratado tendo em vista a formação de Paulo Santos como engenheiro-arquiteto e, mais tarde, como docente em sua relação com os contemporâneos; o texto analisa a estruturação de seu pensamento histórico a partir do diálogo com autores da historiografia brasileira e do estabelecimento de sua visão de historiador da arquitetura, fomentada pela interlocução com o arquiteto Lucio Costa.

Palavras-chave: História, arquitetura, Brasil, Paulo Santos

Abstract

Paulo Santos' constructions presents the thesis in which his history works is based on – reflex of the formations in architecture and in history – are implicit two intentions: to settle a new way to write and to teach the history of architecture in Brazil and to found a brazilian historiography of the subject, linking the teaching of architecture to his historiography project. The conductor line of the formation process of Paulo Santos as an historian of architecture was teaching at FNA/UB, because, as the cathedatic professor of Arquitetura no Brasil subject, he would consolidate the articulation between those knowledge fields, creating, that way, a singular and a brilliant trace of his professional trajetory. The subject is treated pointed to the formation as an

engineer-architect and, later, as a professor in his relation with the contemporaneous; the text analyzes the structuration of the historic thought based on the dialog with brazilian historiography's authors and establishing the his vision of architecture historian, stimulated by the interlocution with the architect Lucio Costa.

Keywords: History, architecture, Brazil, Paulo Santos

CONSTRUÇÕES DE PAULO SANTOS

Consideramos Paulo Ferreira Santos como *construtor da história da arquitetura*, por admitir que os exemplares arquitetônicos, projetados e construídos por ele na qualidade de engenheiro-arquiteto, contribuiriam para a formação de nossa identidade nacional e ao mesmo tempo, por considerar que seus estudos de história realizados como pesquisador e professor da cadeira *Arquitetura no Brasil*, propiciaram a fundação de uma historiografia da arquitetura e do urbanismo no Brasil.

Nos textos de Paulo Santos estão implícitas duas intenções primordiais: estabelecer novo modo de escrever e de ensinar a história da arquitetura no Brasil e os fundamentos de uma historiografia brasileira da disciplina, vinculando o ensino da arquitetura ao seu projeto historiográfico. Estas pretensões direcionariam Paulo Santos a dizer, em 1977, que sentia-se “frustrado diante do que verdadeiramente desejava ter feito: uma obra sólida de História da arquitetura, que alimente a talvez tola ilusão de que teria sido capaz de fazer” (SANTOS: 1977), a qual consubstanciasse a formação de nossa identidade nacional. Este anseio, na realidade, não era ilusão nem tão pouco tola, visto que Gilberto Freyre, em 1963, apontara Paulo Santos como pesquisador capaz de escrever uma história especializada da arquitetura doméstica ou civil do Brasil escrita sob o ponto de vista técnico, comparável à obra de âmbito internacional (Freyre: 2000).

Em sua “tola ilusão”, Paulo Santos alimentava o desejo de escrever a história da arquitetura por meio do procedimento, até então não utilizado, de analisar criticamente as produções arquitetônicas e urbanísticas realizadas no Brasil a partir de suas raízes históricas, comparando-as com as que se desenvolviam sincronicamente no âmbito internacional.

A FORMAÇÃO ACADEMICISTA

O grande interesse cultural de Paulo Santos lhe permitiu ir muito além dos limites de sua formação acadêmica. Graduado engenheiro-arquiteto, em 1926, pela Escola Nacional de Belas Artes - ENBA, sob os moldes tradicionais da Academia

Francesa, concluiu o curso premiado com a Pequena Medalha de Ouro no concurso final de grau máximo.



Figura 1 : Turma de formandos de 1926 - ENBA
Fonte : Acervo Thales Memoria

Somente a partir de 1945 foi sendo “conquistado, dia a dia, pela lógica funcional e estrutural, pela plástica impecável e imensa poesia do Ministério de Educação” (Santos: 1954), quando adotaria, paulatinamente, em seus projetos arquitetônicos, os cânones da arquitetura moderna.

A formação profissional de Paulo Santos se desenvolveu num período de significativas modificações no cenário nacional, em decorrência principalmente da Primeira Guerra Mundial, cuja deflagração levou ao descrédito o modelo político-econômico europeu até então admirado pela elite brasileira, concorrendo para a dinamização do movimento nacionalista crescente no Brasil. O país percebia a necessidade de buscar uma identidade nacional para manter a sobrevivência e, sobretudo, insuflar seu desenvolvimento.

Tais momentos de turbulência cultural marcaram deliberadamente o modo de Paulo Santos pensar o processo histórico, com repercussão, inclusive, na consolidação de sua concepção arquitetônica e urbanística.

AS ATIVIDADES PLURAIS

Paulo Santos iniciou em 1927 suas atividades profissionais na prática projetual construtiva, à frente do escritório de arquitetura *Paulo Pires e Paulo Santos*, fundado em sociedade com o colega de turma Paulo Pires, desempenhando tais atividades por mais de cinco décadas.



Figura 2 : Paulo Santos (3º esq./dir.) na *Pires e Santos*
Fonte : Acervo Nathan Feferman

A interação entre a *práxis* arquitetônica e o processo de estruturação do pensamento histórico de Paulo Santos se refletirá naturalmente em sua obra, visto que a experiência eclética dos primeiros projetos, que revelavam traços de sua formação tradicional, deu lugar, no final da década de 1930, a exemplares arquitetônicos em que, apesar de híbridos, já transparecia certo caráter moderno.



Figura 3: Ed. Barão Lucena - 1937
Fonte : Acervo Paulo Santos



Figura 4 :Edifício Colombo - 1938
Fonte : Academia UFRJ/FAU n.8

Este caráter moderno da arquitetura de Paulo Santos conciliava as linguagens arquitetônicas tradicional e moderna, pela interação dosada e não pela justaposição de elementos.



Figura 5: Escola Central SENAI - 1948
Fonte : Acervo Paulo Santos



Figura 6: Residência Holzmeister - 1955
Fonte : Acervo Paulo Santos



Figura 7: Ed. Fernão Dias - 1956
Fonte : Academia UFRJ/FAU n.8

Considerado a “locomotiva do escritório” (Santos, S.: 2001), por sua invejável capacidade de trabalho e perseverança incomum, Paulo Santos projetou e construiu dezenas de edificações residenciais, comerciais, industriais, escolares e de lazer –, concentradas sobretudo na zona sul e no centro financeiro da cidade do Rio de Janeiro. “O sentido tectônico da obra enfatizado pelo depuramento formal e o rigor construtivo propiciado por seu aguçado sentimento estrutural, que lhe permitia projetar e dimensionar pilares estaticamente corretos sem necessidade do cálculo de cargas ou esforços” (VASCONCELOS: 1989), se tornaria a tônica de sua produção arquitetônica.

Na verdade, as atividades plurais por ele empreendidas – obras arquitetônicas, trabalhos acadêmicos e estudos históricos –, constituíam conjunto coeso por estarem inter-relacionadas, posto que o conhecimento adquirido pela prática profissional balizara seus procedimentos didáticos; que a necessidade de fundamentar suas preleções estimulava suas pesquisas de história; e que estas, por sua vez, se refletiriam em suas concepções projetuais e construtivas.

A compreensão de que a teoria se associa à práxis, alimentando-se alternadamente diferenciava Paulo Santos daqueles que não percebiam esta associação. Articulado à esta tríplice produção, situava-se a atuação no serviço de assessoria a instituições de caráter científico e cultural em órgãos consultivos –

Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Conselho Superior de Planejamento Urbano –; nas entidades de Classe – Instituto de Arquitetos do Brasil e Conselho Regional de Engenharia, Agronomia e Arquitetura; bem como nas instituições dedicadas ao estudo da história – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Comitê Nacional de História da Arte. Os processos debatidos nessas instituições foram relevantes, pois expuseram instigantes discussões conceituais, significativos para a construção do pensamento histórico de Paulo Santos.

A DOCÊNCIA

A partir de 1930, abraçaria a carreira docente como professor de *Geometria Descritiva*, *Perspectiva* e *Sombra* na Prefeitura do Distrito Federal. Em 1934, ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, como livre-docente da cadeira *Construção Civil e Arquitetura*, e na Escola Técnica do Exército do Rio de Janeiro, onde ministrou as disciplinas de *Arquitetura*, *Perspectiva* e *Sombras e Técnicas das Construções*.

Em 1931, a convite de Archimedes Memoria, então Diretor da ENBA, Paulo Santos integrou a Comissão Especial¹ que substituiria o Conselho Técnico Administrativo e a Congregação do Curso de Arquitetura da Escola, com o objetivo de implementar as alterações regulamentadas pela Reforma Francisco Campos. Como desdobramento dos trabalhos relativos à Reforma, o Curso de Arquitetura se desvinculou da ENBA, ganhou autonomia e se estabeleceu, em 1945, como Faculdade Nacional de Arquitetura.

A percepção arguta das especificidades do processo cultural brasileiro e das características próprias da arquitetura nativista estimulou Paulo Santos a aceitar, em 1946, outro convite do professor Memoria, desta vez para implementar a cadeira



Figura 8 : Paraninfo 1948 FNA/UB
Fonte :Acervo M. Amélia Santos

¹ Comissão composta por Archimedes Memoria como presidente, os professores da Escola Politécnica Allynio Mattos, Dulcídio Pereira, José Dutra e Mario de Britto e o arquiteto Angelo Bruhns.

*Arquitetura no Brasil*² na recém-criada FNA, cuja história se confunde com a de Paulo Santos como historiador da arquitetura e do urbanismo.

Cabe lembrar que a necessidade de se estudar expressões artísticas desenvolvidas no Brasil, já fora reclamada por José Marianno Filho, em 1926, quando ao assumir a direção da ENBA, pleiteou a criação da cadeira *História da Arte Nacional*. Como integrante da Comissão Interventora na ENBA, Paulo Santos em 1931 se posicionou contrário à implementação da cadeira *Estudos Brasileiros*, no âmbito da Reforma Francisco Campos, explicando: “não que tal cadeira não me parecesse importante, mas porque ela estava destinada a José Mariano e tornar-se-ia uma plataforma para a pregação do neo-colonial”. [sic] (Santos: 1954).

A CADEIRA ARQUITETURA NO BRASIL

As inovações introduzidas por Paulo Santos na cadeira *Arquitetura no Brasil* transformou, radicalmente, o ensino de história da arquitetura, restrito até aquele momento aos grandes movimentos no âmbito internacional, valorizando, sobremaneira, o aprofundamento do conhecimento da arquitetura no Brasil, então superficialmente estudada.

Essas inovações repercutiriam sobre o procedimento didático adotado na Cadeira que, de modo geral, articularia os métodos diacrônico e sincrônico de análise crítica da história da arquitetura, pois Paulo Santos entendia “vantajosa uma visão panorâmica, que situe as contribuições à nossa Arquitetura, no contexto de todo um complexo de contribuições abrangendo as de outros países. De mais a mais [...] o mundo é um só” (Santos: 1986).

A ementa da disciplina, aprovada em 31 de outubro de 1946, propunha estudar: a) Caracteres mesológicos, técnicos, sociais e estéticos da arquitetura no Brasil, da época da descoberta ao período contemporâneo; b) Preservação da tradição. Arquitetura e artes subsidiárias (Universidade do Brasil: 1946). O desafio de Paulo Santos consistiu em imprimir sentido fundamentalmente crítico e plural à Cadeira, em substituição aos moldes tradicionalmente utilizados, calcados na história

² Embora se veicule correntemente a informação de que Paulo Ferreira Santos criou a cadeira *Arquitetura no Brasil* na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, é importante que se faça a distinção entre *criação* e *implementação*. Aquela foi realizada pelo arquiteto Archimedes Memoria e esta pelo professor Paulo Santos. A cadeira de *Arquitetura no Brasil* foi inserida no currículo da F.N.A. por sugestão do professor Memoria, constando do Decreto nº 21.964, de 18 de outubro de 1946, que discrimina cadeiras relativas a cargos criados pelo Decreto-Lei nº 9.617, de 21 de agosto de 1946. Cabe ressaltar que a indicação do nome do professor Paulo Santos para a cadeira foi oficialmente proposta pelo professor José Octacilio Saboya Ribeiro, na sessão da Congregação da F.N.A., de 11 de setembro de 1946, tendo sido aprovado por unanimidade.

factual, com ênfase nos nomes, datas e na seqüência linear de fatos. Com este objetivo, priorizou a análise histórica e crítica da arquitetura, através de sua correlação com o contexto socioeconômico, político e cultural, e com as raízes históricas em detrimento do caráter descritivo que originalmente lhe cabia, de modo que se tornasse parte ativa do processo orgânico da formação nacional.

A análise cronológica dos programas de *Arquitetura no Brasil* nos permite a leitura evolutiva do conteúdo e da didática estabelecidos na disciplina, auxiliando-nos, ao mesmo tempo, a avaliar o processo de desenvolvimento do pensamento histórico de Paulo Santos.

O programa inicial, organizado em 1947 por Paulo Santos como professor catedrático interino, abrangia as influências estrangeiras manifestadas na Arquitetura no Brasil durante os períodos colonial, imperial e o republicano. A Cadeira, que seria ministrada aos alunos do 4º ano do curso de graduação, visava estudar descritivamente as fases, os programas das edificações e as tipologias arquitetônicas da arquitetura religiosa e, num segundo plano, da arquitetura civil e militar, não evidenciando, portanto, caráter mais crítico de análise. Em 1949, Paulo Santos modificou profundamente o conteúdo programático e a metodologia implementada na disciplina.

Apesar de focar perspectiva formalista, a Cadeira estimulava o culto à tradição, o que, segundo Paulo Santos, era fundamental para a apreciação das produções arquitetônicas tanto do passado quanto do presente. Além disso, possibilitaria a compreensão das futuras construções, pois, mais do que o conteúdo formal arquitetônico, importa o espírito do povo que a tradição perpetua pela arquitetura, conforme explicaria:

Nós não vamos copiar o passado, mas, vamos aprender a apreciá-lo no seu justo significado; não pretendemos algar o progresso. Temos a tradição, e podemos manter vivo o espírito do povo, mas não paralizar a forma, porque esta evolue.

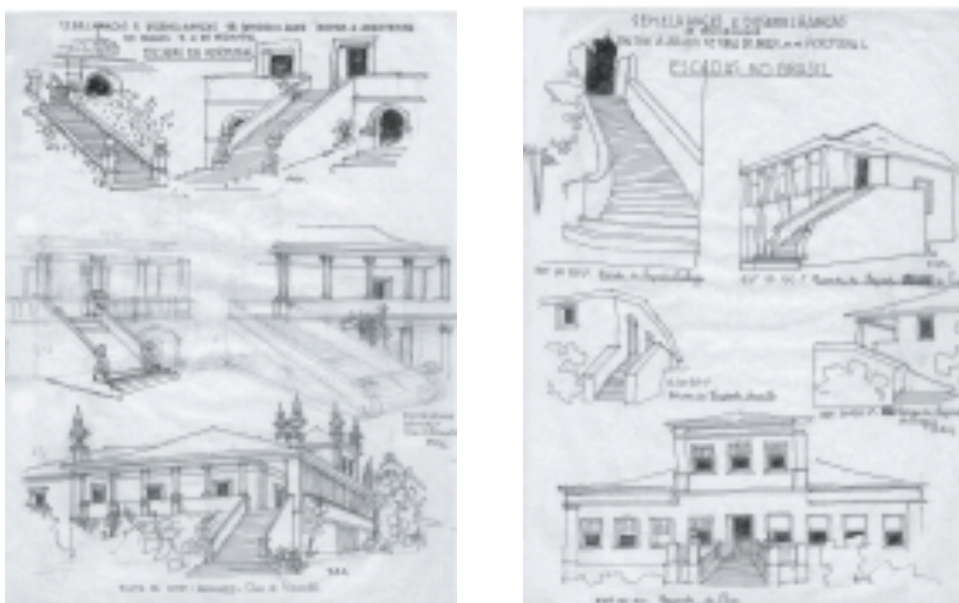
O objetivo desta cadeira é pôr a descoberto o espírito do povo, seus defeitos e suas qualidades. [sic] (Santos: 1947?).

Ao se referir à idéia de “copiar o passado”, Paulo Santos não desejava remeter-se apenas ao conceito propriamente dito, mas criticar a prática dos exercícios de Arquitetura Analítica, usualmente empreendida nos meios acadêmicos da época, para o ensino da história da arquitetura. Nesta didática, os alunos redesenhavam em

escala, detalhe a detalhe, os monumentos mais significativos da arquitetura que iam do Clássico ao Renascimento, com base em desenhos e/ou fotografias.

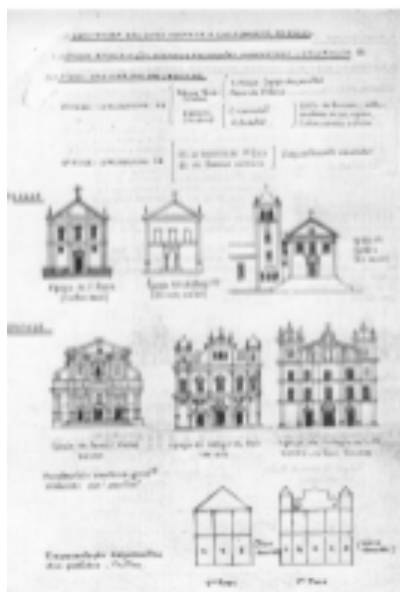
A tendência corrente desde o início do século de dignificar a tradição na arquitetura, enfatizada por Paulo Santos em suas lições, parece ter sido absorvida das obras de autores como: o arquiteto português Ricardo Severo, que lançou no Brasil as sementes da arquitetura de cunho nativista como desdobramento do movimento em prol da arquitetura de raízes nacionais, empreendido com seu colega Raul Lino, em Portugal; o arquiteto francês Julien Guadet, cujos ensinamentos influenciaram a maioria dos estudantes de arquitetura da geração de Paulo Santos, e o historiador de arte português Reynaldo dos Santos, que evidenciou a relevância das *constantes de sensibilidade* na arquitetura de Portugal como expressão do caráter do povo e do espírito da época.

Transpondo para o âmbito da arquitetura no Brasil a tese sobre as constantes de sensibilidade, que Reynaldo dos Santos teorizara para a arquitetura de Portugal, Paulo Santos assinalaria que o pensamento e o sentimento humano em suas mais diversificadas manifestações – literária, histórica, política, econômica, religiosa, artística e científica – propiciava um modo de se identificar o “*caráter do povo e do estilo*” de cada uma de suas épocas históricas, em que claramente se distinguem, ainda que de maneira que igualmente pode melhor ser sentida do que *definida* – as *constantes de sua sensibilidade*” (Santos: 1988).



Figuras 9/10 : Constante de Sensibilidade na Arquitetura do Brasil 1975
Fonte : Núcleo de Documentação e Pesquisa FAU/UFRJ

As aulas de Paulo Santos tornaram-se conhecidas como “Missa das Dez”, porque começavam, pontualmente, às 10 horas e eram proferidas num tom formal e erudito. Seus planos de aula, meticulosamente preparados, continham anotações manuscritas, ilustradas com croquis que primavam pelo preciosismo de detalhes.



Figuras 11/12 : Arquitetura no Brasil - FNA/UB - Planos de Aula - 1947
Fonte : Acervo Paulo Santos

Com base nos onze anos de experiência como regente da cadeira *Arquitetura no Brasil*, Paulo Santos reformularia em 1958, novamente, o conteúdo programático para reforçar o caráter crítico da disciplina. Nesse sentido, a arquitetura seria estudada “no contexto sócio-político-econômico dos sucessivos períodos diferenciados da história brasileira, assim como a partir das influências externas e autóctones que, ao correr do tempo, nela interferiram” (Telles: 1994), abrangendo suas raízes históricas, as características formais, bem como as técnicas construtivas empregadas, incluindo

ainda parte preliminar destinada aos fatores físicos e humanos que exerceram influência na arquitetura no Brasil. A matéria, em si, apresentou pouca alteração quanto ao programa anterior e a inovação ficou por conta da reestruturação metodológica, que propunha atitude crítica e mais investigativa para a disciplina, embora o fio condutor da Cadeira continuasse sendo o *Culto à Tradição*.

Essa diferenciação no enfoque didático da disciplina de 1947 e da de 1958 reflete, de certa maneira, a evolução do pensamento arquitetônico de Paulo Santos em direção à história, revelando o modo pelo qual se construíra sua formação como historiador.

Com a Reforma Acadêmica de 1960, na FNA, a Cadeira foi decomposta em dois segmentos, com o objetivo de fomentar o estudo do período contemporâneo, passando a ser ministrada em dias alternados, no 5º ano do curso de graduação.

Com estas mudanças, a cadeira, agora desdobrada em *Arquitetura no Brasil I e II*, abordaria, no primeiro segmento, o estudo da arquitetura tradicional e suas raízes históricas, compreendendo do século XVI ao XIX e, no segundo, o da arquitetura contemporânea e suas raízes históricas, abrangendo o século XX.

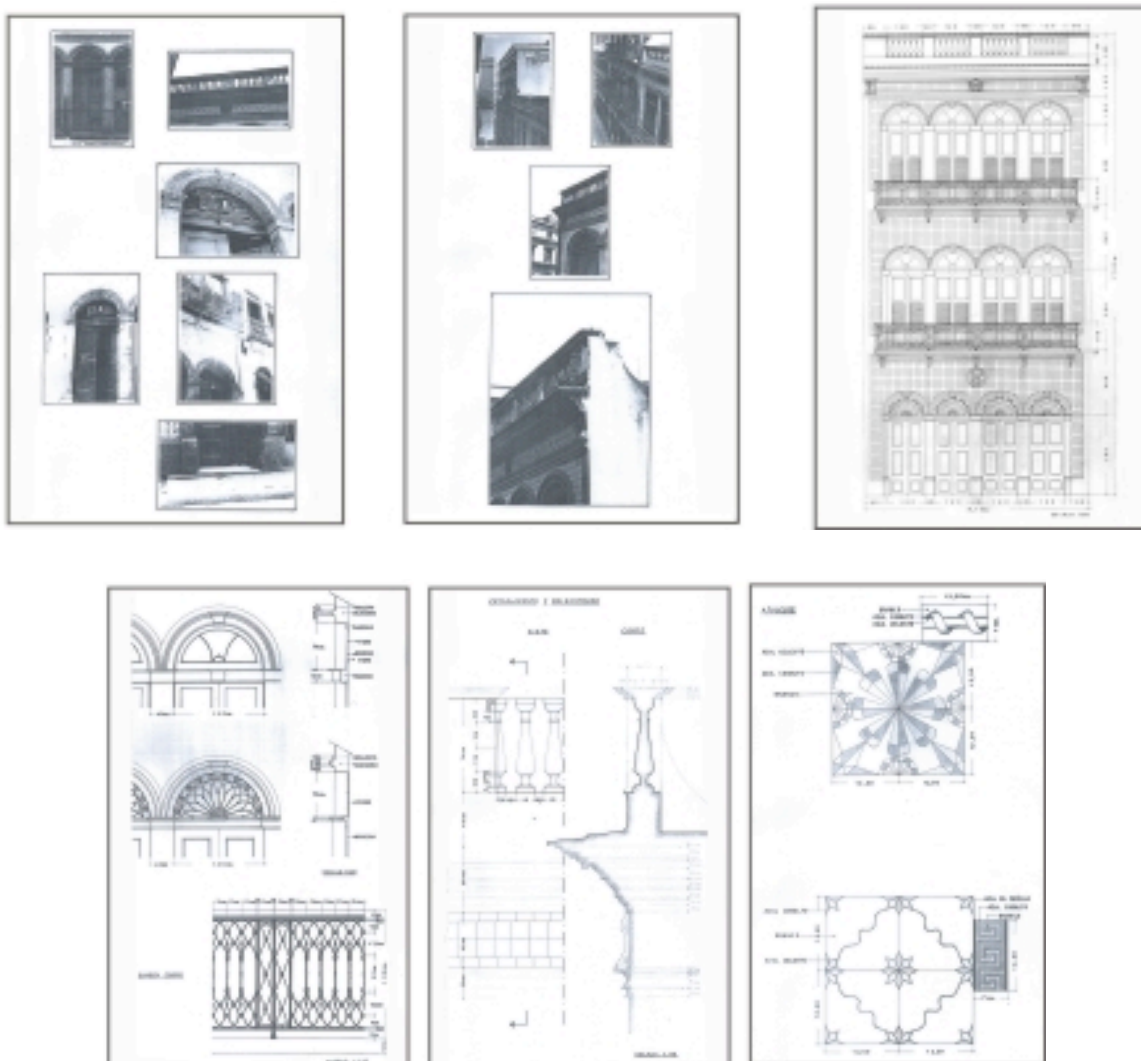
O caráter crítico da disciplina, incrementado na versão de 1958, foi mantido nos dois segmentos. *Arquitetura no Brasil I*, constituída pelo conteúdo programático da Cadeira já existente, se estabeleceu como o *programa normal*, ficando a cargo dos professores assistentes Augusto Carlos da Silva Telles e João Henrique Rocha. *Arquitetura no Brasil II* constituiu o *programa especial* (Santos: 1961), adotado a partir de 1961, que objetivava a integração do ensino da arquitetura no Brasil na corrente do pensamento por que se orientava o Brasil Moderno, integrando a nossa arquitetura na realidade do Brasil e do Mundo (Santos: 1961), ficando sob a égide de Paulo Santos, professor catedrático da Cadeira.

De fato, conquistado em 1945 pela doutrina implementada por Le Corbusier, conforme seu depoimento, Paulo Santos legitimaria, de certo ângulo de influência, a divisão da História de Arquitetura no Brasil, em 2 fases: anterior à influência do arquiteto franco-suíço e a iniciada com a atuação deste na construção do edifício do Ministério de Educação e Saúde, no Rio de Janeiro.

Convém ressaltar que desde a década de 1950, Paulo Santos vinha se dedicando ao estudo da arquitetura da sociedade industrial, do qual resultou uma coletânea de sete artigos publicados na *Habitat: Revista de Arquitetura e Artes no Brasil* e, posteriormente, reunidos no livro *Arquitetura na sociedade industrial*.

Apesar de aderir aos preceitos *corbusianos*, Paulo Santos respaldou no modelo da *Bauhaus* de Walter Gropius as bases pedagógicas de suas propostas para as reformas do ensino da arquitetura e do urbanismo na FNA, de 1960 e de 1969, das quais foi relator. Em seus relatórios, destacou a supremacia do método de estudo sobre a aptidão à virtuosidade, a importância da interação entre teoria e prática profissional e entre o ensino acadêmico e a era industrial.

A Reforma do Ensino de 1969 ampliaria os propósitos da disciplina para o campo da preservação e restauração dos bens culturais brasileiros, habilitando o futuro arquiteto a atuar igualmente neste campo. Este propósito referia-se à identificação e ao registro de bens patrimoniais, estética e historicamente representativos, através da realização de levantamentos de edifícios da arquitetura religiosa, civil e militar, como trabalho didático da disciplina.



Figuras 13 a 18 : Arquitetura no Brasil - FNA/UB - Trabalho de Aluno -s.d.
Fonte : Acervo Paulo Santos

No enunciado do trabalho prático da disciplina, Paulo Santos ressaltava a importância do rigor na realização destes levantamentos que, além de proporcionar aos alunos o embate direto com obras do passado – olhar o espaço antigo, tocar as paredes grossas, sentir o cheiro de pedra –, esse exercício objetivava compilar os traços das edificações, preferencialmente daquelas de menor porte e pertencentes ao passado recente, na tentativa de complementar o inventário dos monumentos arquitetônicos mais antigos priorizados pelo IPHAN, contribuindo com isso para salvaguardar a memória nacional. Sua intenção era que o material produzido na disciplina fosse cedido pela Faculdade ao Arquivo da *Repartição*.

O procedimento adotado por Paulo Santos conferiu, então, à cadeira *Arquitetura no Brasil* funções genéricas e específicas. Por um lado, a disciplina se propunha a apresentar o patrimônio arquitetônico brasileiro, constituído pela experiência nacional, seguindo os desdobramentos dos movimentos que se desenvolveram sobre o tema no âmbito internacional e que se difundiram com relativa velocidade, a partir do final do século XIX, pelo avanço dos meios de comunicação. Por outro, mais específico, a disciplina visava destacar o valor das raízes históricas da arquitetura e do urbanismo no Brasil, ressaltando a relevância da preservação do patrimônio arquitetônico, que em muitos casos já se encontrava em adiantado estado de deteriorização, como exemplo para estudos e vivência de futuras gerações.

Esses objetivos identificavam Paulo Santos, até certo ponto, com a ideologia do Movimento Moderno no Brasil, que pleiteava, sobretudo, um país independente e apto a assumir sua verdadeira identidade cultural. Por esta razão, a implementação da Cadeira no currículo acadêmico estabeleceu novo lugar para o estudo deste campo disciplinar e constituiu expressiva iniciativa para a fundação de uma historiografia da arquitetura no Brasil, provocando significativo impacto para o conhecimento sistematizado do campo cultural brasileiro e para a formação de sucessivas gerações de historiadores nas áreas da arte, da arquitetura e do urbanismo no Brasil.

De fato, a Cadeira serviu de modelo a outras instituições acadêmicas, tornando-se referência nacional.

O PLURALISMO METODOLÓGICO

Dado ao caráter múltiplo da metodologia adotada por Paulo Santos na Cadeira, destacamos cinco enfoques principais – valor de época, interação passado-presente, ênfase sociocultural, relação forma-técnica, e crítica documental.

O valor de época se reportava à relevância de se estudar a arquitetura e o urbanismo sob o prisma de seu valor de época, evitando-se com isso o equívoco, segundo Paulo Santos, de se analisar o passado exclusivamente com a visão crítica do presente. Com esta visão Paulo Santos, possivelmente, se aproximaria da obra de Erwin Panofsky, que reconstruiu magistralmente os nexos entre a obra de arte e seus componentes culturais, analisando-a através da experiência do seu próprio tempo.

A interação passado-presente, estreitamente ligado ao anterior, se referia à análise do processo histórico da arquitetura e do urbanismo sob a ótica interativa, na qual o passado e o presente se fundiam “na mesma unidade de pensamento crítico, que alarga a historiografia para a frente e para trás” (Santos: 1986). Incorporava-se, assim, ao método regressivo, implementado em 1931 por Marc Bloch, que alegava a pertinência de se ler a história ao inverso, já que se tem maior conhecimento dos fatos culturais recentes do que dos de períodos anteriores da história.

A ênfase sociocultural remete ao caráter da história que, no início da década de 1930, surgia no cenário brasileiro pelas mãos de Gilberto Freyre e de Sérgio Buarque de Holanda, interagindo os campos da história, da sociologia e da antropologia. Paulo Santos costumava coser os fatos históricos, arquitetônicos e urbanísticos num processo interativo das visões sincrônica e diacrônica da história com o contexto cultural. Este enfoque se fez sentir, especialmente, no trabalho *Constantes da Sensibilidade do Povo Brasileiro* de 1975, no qual Paulo Santos destacou a relevância do caráter do povo como expressão de identidade nacional para o estudo da arquitetura e do urbanismo, mostrando as semelhanças e dissemelhanças entre as produções do Brasil e de Portugal.

A relação forma-técnica, que tratava da interlocução com os fenômenos históricos, permitindo com isso a compreensão das formas arquitetônicas e dos traçados urbanísticos a partir de seu veio histórico, se relaciona ao exercício da *prática arquitetônica* – projetual e construtiva – que Paulo Santos desempenhou como Sócio responsável por uma das Seções Técnicas da empresa *Pires e Santos*. Na análise do madeiramento dos telhados das capelas e igrejas oupretanas, por exemplo, Paulo Santos mostraria, a despeito da inegável influência lusitana, alguns exemplos mineiros que revelavam soluções singulares.

E, a análise crítica das fontes documentais se referenda nas obras do historiador Capistrano de Abreu. Paulo Santos visava à exegese documental, porque entendia que “os arquivos fornecem os documentos, que o crítico, a seguir analisa,

mede, compara e completa, retificando-os ou ratificando-os se tiver cultura artística, sensibilidade, isenção e critério para fazê-lo” (Santos: s. d.), revelando, assim, seu pensamento historicista.

Em reconhecimento a seus méritos acadêmicos Paulo Santos recebeu, a 18 de maio de 1978 o título de *Professor Emérito* da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A VISÃO DE HISTORIADOR

Observa-se a decisão de Paulo Santos, não obstante sua formação *academicista*, de se manter à parte das duas correntes dominantes que polarizavam a maioria dos arquitetos de sua geração, porque sua posição, como historiador, era de aceitação, ao mesmo tempo, da arquitetura *moderna* e da *tradicional*. Esta posição o diferenciaria dos demais arquitetos que, como ele, atuavam na prática projetual e construtiva, mas que não se dedicaram ao estudo histórico da matéria fomentado, no seu caso, pela implementação da cadeira de *Arquitetura no Brasil*.

De fato, o fio condutor do processo de formação de Paulo Santos como historiador da arquitetura foi a atividade docente na FNA, pois, no desempenho da função de professor catedrático da cadeira por ele implementada, percebeu que o ensino da história da arquitetura e do urbanismo no Brasil necessitava ser reformulado. Dada a relação dialética das atividades que desempenhava, a articulação entre tradição e modernidade, decorrente de sua visão de historiador, transpareceria em seus projetos arquitetônicos, assim como o conhecimento técnico construtivo se revelaria em sua análise histórica da arquitetura, estabelecendo o traço singular de sua trajetória profissional.

A compreensão do lugar da arquitetura e do urbanismo no processo histórico nacional, que se desenvolve numa seqüência de pensamento perfeitamente lógica e inter-relaciona o passado e o presente, lhe permitiram alcançar a isenção no julgamento das questões históricas, porque considerava “que cada época histórica carrega sempre atrás de si o peso de uma tradição que porfia por persistir, em competição com as novas idéias que vão surgindo, (...) cuja apreciação exigia do historiador, acima de tudo, isenção” [sic] (Santos: 1986).

A aceitação do tradicional e do moderno, inadmissível para alguns colegas do meio acadêmico levou Archimedes Memoria, identificado com a corrente tradicional, a acreditar equivocadamente que a atitude de Paulo Santos era contraditória, acusando-

o, em 1953, de advogar em favor dos modernos. Na verdade, este se mostrava apenas insatisfeito com o ambiente despótico e contrário à idéia de progresso da Faculdade que, como círculo fechado, se mantinha à margem dos verdadeiros valores que integravam a arquitetura no Brasil, provocando verdadeira cisão espiritual dos arquitetos entre as correntes acadêmicas e a dita modernista. Acreditava que o ingresso na Academia tanto de arquitetos tradicionalistas como de modernistas era profícuo para o ensino da arquitetura e que o cerceamento do arquiteto seria prejudicial ao louvável desenvolvimento da arquitetura no Brasil, bem como sua visão como historiador.

O CONSELHO CONSULTIVO DO IPHAN

O convívio com os profissionais da *Repartição*, como membro do Conselho Consultivo do IPHAN, de 1955 a 1981, possibilitou Paulo Santos o contato mais direto com as questões de preservação e restauração do patrimônio nacional e com a causa modernista. Destacou-se como relator de processos de tombamento, cujos embates levantaram relevantes questões conceituais, exigindo habilidade para administrar acirradas polêmicas, como nos casos do Conjunto Arquitetônico da Avenida Rio Branco (processo nº 860-T-72) e do Parque do Flamengo (processo nº 748-T-64), na cidade do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, consolida-se também o apreço de Paulo Santos por Lucio Costa, suscitado pela revolucionária Reforma Acadêmica de 1930, na ENBA e ratificado por Paulo Santos ao proferir as conferências: *Presença de Lucio Costa na Arquitetura do Brasil antes de 1930 e depois de 1930*,³ para estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul, em 1962, na qual rememorou a influência dos ensinamentos do mestre em sua consolidação como arquiteto e historiador da arquitetura.

Apreço recíproco considerando-se que, em 1986, Lucio Costa alinharia a qualidade dos trabalhos do Conselheiro Paulo Santos à das obras de historiadores internacionalmente reconhecidos como Robert Smith, Germain Bazin e Mário Chicó (Costa: 1986).

³ Proferidas na ocasião do lançamento do livro *Lucio Costa: sobre arquitetura*, que reúne textos do arquiteto, organizado em 1962 pelo Centro de Estudantes de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul.

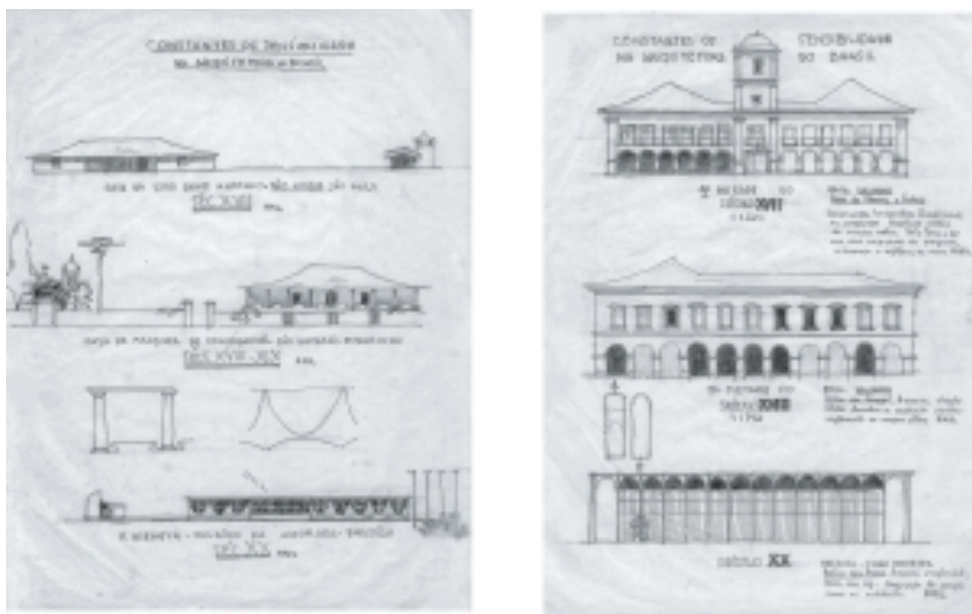
A análise das obras dos arquitetos brasileiros, diretamente orientados por Corbusier, sobretudo a de Lucio Costa que mais do que nos projetos, se destacou pela elaboração de textos conceituais relevantes para o entendimento dos novos rumos da arquitetura no Brasil, consolidaria a compreensão de Paulo Santos da arquitetura moderna.

OS DIÁLOGOS COM LUCIO COSTA

Na verdade, Lucio Costa tornou-se seu mais eloqüente interlocutor, pois seus estudos dialogaram permanentemente com as ideias daquele mestre.

O diálogo entre eles começou a se realizar, de fato, em meados da década de 1940, momento em que Paulo Santos iniciava suas pesquisas históricas e Lucio Costa repensava suas teorias preliminares sobre a arquitetura moderna, permitindo-nos presumir que o *primeiro* Paulo Santos correspondeu cronologicamente ao *segundo* Lucio Costa, numa defasagem de duas décadas.

Os dois arquitetos concordavam que o sentido evolutivo da história legitimava tanto a arquitetura tradicional como a moderna, e que as experiências neocoloniais eram “louváveis pelos ideais de brasilidade que encarnavam, mas dissimuladas como técnica e vazias de sentido como expressão social” (Santos: 1981). Percebiam similitudes entre a arquitetura colonial – expressão do caráter do povo – e a arquitetura – ditada pelos cânones modernos –, que permitiam aproximar o processo construtivo de pau-a-pique ao de concreto armado e relacionar formalmente, a casa da Fazenda Columbandê do século XVIII/XIX com o Palácio da Alvorada, do XX, e o Solar do Coronel, do século XVIII com o Palácio Itamaraty, do XX. Paulo Santos entendia que “o parentesco de Espírito entre muitos desses edifícios [modernos] e as nossas Casas Grandes de Fazenda do século passado, derradeiros baluartes em que se refugiou, afastado das cidades, o Espírito tradicional da nossa Arquitetura – é patente e insofismável” [sic] (Santos: 1948).



Figuras 19/20 : Constante de Sensibilidade na Arquitetura do Brasil 1975
Fonte : Núcleo de Documentação e Pesquisa FAU/UFRJ

Mesmo reconhecendo o mérito intelectual de Lucio Costa, Paulo Santos não comungava integralmente com as teorias do mestre. Divergiam em questões simples, como a classificação dos retábulos do altar das igrejas barrocas no Brasil.

Apesar de considerar que a classificação proposta por Lucio Costa caracterizava muito bem o sentido em que se fez a evolução dos retábulos e de admitir certa analogia destes com os da arte europeia, Paulo Santos, após ter analisado *in locus* os retábulos ouropretanos, perceberia a necessidade de se empreender uma classificação que atendesse quantitativa e qualitativamente a todos os casos, tendo em vista a evolução morfológica destes retábulos, processada em função do tempo e das diferenças regionais, propondo analisá-los à luz de sua significação dentro do próprio Barroco.

Ou em questões mais complexas, como, sobre a relação entre o eclético e o moderno, o que geraria elevado grau de tensão no debate estabelecido entre os dois arquitetos, especialmente no contexto da discussão sobre o tombamento do Conjunto Arquitetônico da Av. Rio Branco, em 1972.

O intrincado impasse estabelecido entre os dois girou, na verdade, em torno dos conceitos de historicismo e de ecletismo. Com sua visão historicista, Paulo Santos reconhecia a relatividade dos juízos de valores em contraposição aos princípios canônicos de valoração, partindo "do pressuposto de que cada período da História de

Arte tem direito de ter seu próprio estilo e deva ser apreciado, em todos os seus aspectos, em função da carga de cultura de que se nutre e das idéias estéticas por que se expressa” [sic] (Santos: 1972).

Para ele a manifestação do historicismo na arquitetura estava vinculada a um certo momento histórico e ao projeto ideológico de nação, razão pela qual, embora determinados edifícios revelassem matriz estrangeira, eles visavam expressar valores do nacionalismo emergente, visto que a arquitetura é sempre um produto da cultura, sendo imperioso estabelecer a distinção entre historicismo e ecletismo.

Não é casual que tenha destacado em seu livro *Quatro Séculos de Arquitetura* que “em que pese os aparentes antagonismos, o Movimento Neo-colonial e o Moderno tiveram pontos de contato a procura da substância brasileira, da cultura brasileira, da realidade brasileira” [sic] (Santos 1977).

Em posição diametralmente oposta, Lucio Costa considerava o ecletismo na arquitetura como produto do revivescimento das formas do passado sem significação cultural, afirmando que não se tratava de um período da História da Arte, mas de um hiato (Costa: 1972), que interrompia a continuidade do processo histórico da arquitetura. Ao que Paulo Santos contraporía que “mesmo num caso aparentemente abrupto como esse, da passagem da arquitetura tradicional para a moderna, a História não se construiu por saltos” (Santos: 1986).

Como saldo negativo dessa calorosa discussão, a demolição dos edifícios do *Jockey* e do *Derby Club* e do Palácio Monroe e como positivo, a revisão dos critérios de valoração dos bens culturais brasileiros por parte do IPHAN, na expectativa de que o episódio da perda destes edifícios para a cidade oferecesse lições e evitasse que espectros de obras irremediavelmente perdidos possam suscitar manifestações tardias de arrependimento, como ocorreu na Avenida Rio Branco.



Figuras 21 : Jockey Club
Fonte : Arquivo Geral - RJ



Figuras 22 : Derby Club
Fonte : Biblioteca nacional



Figuras 23 : Palácio Monroe
Fonte : Album Av. Central-1982

Numa atitude pioneira no âmbito da *Repartição*, Paulo Santos atestaria como relator do processo que “a tendência moderna entre as nações ciosas da defesa de seus patrimônios histórico-artísticos [...] é, antes de preservar os conjuntos do que as unidades isoladas, porque eles permitem reconstituições mais eloqüentes da vida pretérita” [sic] (Santos: 1972), balizando-se na análise conjunta dos valores artísticos, históricos e culturais, implementada pela *Carta de Veneza* e pela *Lei Malraux*.

As divergências conceituais afloradas ao longo do diálogo entre os dois arquitetos resultam de diferenciados processos de trabalho, demonstrando que há muitos modos de compreender a arquitetura. Enquanto Lucio Costa é o homem dos processos e das grandes sínteses, que teoriza a arquitetura, Paulo Santos é o pesquisador minucioso e estudioso dos métodos, que se apóia nas análises estética e documental para compreendê-la. Os textos ensaísticos de um contrapõem-se aos de cunho histórico do outro, originando concepções que se refletem no próprio caráter de seus trabalhos.

A PRODUÇÃO DE HISTÓRIA

No contexto de sua produção de história, entre artigos, conferências, livros e publicações de relevante valor histórico e cultural, se destaca o estudo *Quatro Séculos de Arquitetura*, publicado originalmente em 1965, no âmbito do ciclo de palestras *Quatro Séculos de Cultura*, promovido pela Universidade do Brasil. Objeto de duas reedições – 1977 e 1981 –, este estudo pioneiro sobre a arquitetura e o urbanismo no Rio de Janeiro representa um marco na historiografia brasileira, reconhecidamente atestado pelos estudiosos da história da arte Germain Bazin e Clarival do Prado Valadares.

Seu trabalho de estréia como historiador se intitulou *Subsídios para o estudo da Arquitetura Religiosa em Ouro Preto*, desenvolvido como tese para o concurso de provimento à cátedra da FNA, cujo desdobramento gerou o livro *O Barroco e o Jesuítico na Arquitetura do Brasil*, ambos publicados em 1951.



Figura 24 : Desenho Paulo Santos - 1949

Fonte : A Arquitetura Religiosa Ouro

Apresentado, em 1963, como comunicação no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Coimbra, o estudo *Formação de Cidades no Brasil Colonial* foi publicado em 1968 e reeditado em 2001 e 2009, pela Editora UFRJ.

Sobre o Movimento Moderno, além do livro *Arquitetura na sociedade industrial*, Paulo Santos redigiu *O Homem e a Máquina – O arquiteto e o urbanista no mundo de amanhã*, para discurso pronunciado em 1958 na cerimônia comemorativa do XIII aniversário da FNA; *A Década de 1920-1930. Antecedentes e Eclosão do Movimento Moderno*, para o Encontro Nacional de Arquitetos do Instituto de Arquitetos do Brasil, em 1971 e *A Arquitetura moderna e suas raízes*, para a palestra proferida em 1977, no curso sobre o Período Moderno, realizado no Museu Nacional de Belas Artes.

A FORMAÇÃO EMPÍRICA

A convivência com os confrades no IHGB ampliou-lhe os conhecimentos historiográficos. O contato com Pedro Calmon, de quem tornou-se amigo pessoal, com as obras de Varnhagen e de José Honório Rodrigues foram essenciais para o aprimoramento de seu pensamento histórico e a fundamentação de suas pesquisas, que articulava o romântico ao científico, apresentando, uma visão historicista da História, “à maneira dos pesquisadores do IHGB” (Segawa: 1982).

Ciente de que a especificidade da formação em arquitetura não o provera da teoria e da metodologia historiográficas, Paulo Santos foi buscar este conhecimento em autores nacionais e estrangeiros.

Ante a insuficiência de estudos teóricos e críticos para fundamentar, naquele momento, a história da arquitetura no Brasil, Paulo Santos teve que recorrer a autores que estudavam a formação do Brasil, como Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda e, também, àqueles poucos que analisavam a arquitetura como José Marianno Filho, Lucio Costa e Morales de los Rios Filho, além dos estrangeiros, Reynaldo dos Santos, Hannah Levy e Camillo Sitte. Do ponto de vista metodológico, ainda que indiretamente, apontamos afinidades com as concepções historiográficas de Marc Bloch.

O motivo de ele ter evocado, ao mesmo tempo, diferentes autores poderia, num certo sentido, parecer falta de critério de sua parte, mas se justificava pelo fato de sua visão de historiador, lhe permitir lidar com o objeto historiográfico sem emitir, *a priori*, juízos de valor. O diálogo crítico com tais autores influenciou na construção do

pensamento histórico de Paulo Santos. O *tempo do historiador* em Paulo Santos aparece como uma questão nevrálgica, que fez com que fosse, às vezes, incompreendido por colegas, pelo tempo que dedicava à investigação das fontes documentais e à própria gestão de seus textos. Isto demonstra que suas pesquisas não se restringiam à reedição de idéias já divulgadas ou a simples relatório de novas descobertas, constituindo-se em genuíno trabalho crítico de historiador, que entendia a relevância da interação passado-presente para a análise do processo histórico da arquitetura e do urbanismo.

Apesar de Paulo Santos, em seu desejo de escrever obra sólida de história da arquitetura, não haver demonstrado propriamente comprometimento com um projeto de nação, o interesse em analisar a arquitetura e o urbanismo sob a perspectiva sociocultural mostra seu envolvimento com a questão da brasilidade.

A singularidade metodológica dos trabalhos sobre história escritos por Paulo Santos situa-se no entrecruzamento de suas formações – a acadêmica, em arquitetura, e a empírica, em história. Sua obra, definida pelas exigências do método e do ofício do historiador, revela que Paulo Santos não foi discípulo de *mestre* Lucio Costa, cuja obra tanto enalteceu, pois trilhou seu próprio caminho não apenas como engenheiro-arquiteto, mas tornando-se especialista da história da arquitetura e do urbanismo no Brasil. Ousamos afirmar, até mesmo que, a luz emanada de seus trabalhos de história chegou a ofuscar, sob determinados ângulos, o brilho dos consagrados textos escritos por Lucio Costa.

Apesar de sentir-se “frustrado diante do que verdadeiramente desejava ter feito: uma obra sólida de História da arquitetura” (Santos: 1977), Paulo Ferreira Santos, como arquiteto e historiador, se empenhou na tarefa de construir os alicerces da historiografia da arquitetura e do urbanismo no Brasil.

Como coroamento de sua carreira profissional recebeu, em 1981, o título de *Personalidade do Ano do Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB/RJ*, pelo conjunto de suas obras. Na ocasião, Paulo Santos expressou não se sentir à altura da homenagem, pois repensando sua vida, via-se com uma lanterna na mão à procura do que poderia ter feito que justificasse aquele gesto, concluindo “recolho a minha lanterna, não muito convencido de que tudo isso mereça crédito igual ao débito” (Oliveira: 1988). Apesar da modéstia e discrição reveladas no comentário, Paulo Santos soube construir-se aos olhos de seus contemporâneos, colegas e seguidores, como uma *personalidade pragmática*.

UM DEPOIMENTO

Como síntese do pensamento histórico de Paulo Santos, concluiremos com seu depoimento:

A História não é estática, mas dinâmica, cada época deixando registrada nela a sua marca. Seu encanto maior provém exatamente da transfiguração dos acontecimentos face às divergências de julgamento em busca da verdade, no entanto inapelavelmente mutável –, divergências que tanta vez conduzem a um retorno ao que em certa ocasião parecera inexato ou quiçá vicioso. Por isso é de perguntar se não será mais justo, ao refutarmos as opiniões dos que nos antecederam nos julgamentos, que o façamos não com sentido polêmico como tem predominado, mas a partir de um sentimento de gratidão pelas oportunidades que nos proporcionaram para essas aprazíveis ginásticas do espírito com que se constrói a História. [sic] (Santos: 1980?)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Lucio. Prefácio. In: ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Rodrigo e seus tempos*. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória, 1986, p. 5-10.
- _____. *Problema mal posto*. Rio de Janeiro, 1972. Datilografado. Acervo pessoal Paulo Ferreira Santos, Biblioteca Paulo Santos, Paço Imperial.
- FREYRE, Gilberto. *Novo mundo nos trópicos*. Tradução Olívio Montenegro e Luiz de Miranda Corrêa. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks: UniverCidade, 2000.
- OLIVEIRA, Nildo Carlos. Atos e fatos: o percurso de Paulo Santos na história da Arquitetura. *Revista Projeto*, São Paulo, p. 2, 1988.
- SANTOS, Paulo Ferreira. *Arquitetura e Urbanismo no Rio de Janeiro: período colonial*. Rio de Janeiro, [1980?]. Datilografado. Acervo pessoal de Paulo Santos, Biblioteca Paulo Santos, Paço Imperial.
- _____. *Aulas taquigrafadas da cadeira de Arquitetura no Brasil*: Faculdade Nacional de Arquitetura. Rio de Janeiro, [1947?]. Datilografado. Acervo pessoal Paulo Ferreira Santos, Biblioteca Paulo Santos, Paço Imperial.
- _____. *Conferência sobre o professor Rodrigo José Ferreira Brêtas*: no Seminário de História da Arte. [s.d.]. Datilografado. Acervo pessoal Paulo Ferreira Santos, Biblioteca Paulo Santos, Paço Imperial.
- _____. Constantes de sensibilidade na Arquitetura do Brasil. *Arquitetura Revista*, Rio de Janeiro. v. 6, p. 52-71, 2. sem. 1988.
- _____. *Culto à tradição*: constantes de sensibilidade do povo brasileiro: oração do paraninfo da turma de Arquitetos da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Rio de Janeiro, 1948. Datilografado. Acervo pessoal Paulo Ferreira Santos, Biblioteca Paulo Santos, Paço Imperial.
- _____. *Discurso de lançamento da edição pelo IAB*, do livro *Quatro Séculos de Arquitetura*. Rio de Janeiro, 18 dez. 1981. Manuscrito. Acervo pessoal Paulo Ferreira Santos, Biblioteca Paulo Santos, Paço Imperial.
- _____. *Esclarecimentos sobre a Ata* relativos à sessão da Congregação da Faculdade Nacional de Arquitetura, Universidade do Brasil de 17 março de 1954. Rio

de Janeiro, 1954. Datilografado. Acervo pessoal Paulo Ferreira Santos, Biblioteca Paulo Santos, Paço Imperial.

_____. Interação de passado e presente no processo histórico da Arquitetura e Urbanismo. *Arquitetura Revista*, Rio de Janeiro. v. 4, p. 3-9, 2. sem. 1986.

SANTOS, Paulo Ferreira. Quatro séculos de Arquitetura. Barra do Pirai: Fundação Pimentel: Ed. Valença, 1977.

_____. Relatório da Proposta de Tombamento do *CONJUNTO ARQUITETÔNICO: RIO BRANCO* (Avenida), compreendendo: Palácio Monroe, Biblioteca Nacional, Escola de Belas Artes, Derbi Clube, Joquei Clube, Clube Naval, Teatro Municipal, Assembléia Legislativa. RIO DE JANEIRO - GUANABARA. Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Processo nº 860-T-72. I.P.H.A.N./D.E.T. Seção de História. Relator: Paulo F. Santos. Rio de Janeiro, 18 out. 1972. Acervo pessoal Paulo Ferreira Santos, Biblioteca Paulo Santos, Paço Imperial.

_____. Saudação ao professor Lucas Mayerhofer. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro. v. 317, p. 38-51, out./dez. 1977.

_____. *Súmulas do Programa Especial: a arquitetura contemporânea no Brasil: seus fundamentos e raízes históricas*. Rio de Janeiro, 1961. Datilografado. Acervo pessoal Paulo Ferreira Santos, Biblioteca Paulo Santos, Paço Imperial.

SANTOS, Sergio Pacheco dos. *Depoimento dado à autora em 26 de junho de 2001*. Rua do Ouvidor, 105, 5º andar - Centro, Rio de Janeiro, 2001.

VASCONCELOS, Augusto Carlos. A Presença de Paulo Ferreira Santos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n.30, 1989.

UNIVERSIDADE DO BRASIL. Faculdade Nacional de Arquitetura. *Ata da sessão da Congregação...* Rio de Janeiro, 11 set. 1946 Livro n. 1, f. 44-54. Manuscrito.

_____. Rio de Janeiro, 31 out. 1946c Livro n. 1, f. 79-83. Manuscrito.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. A Biblioteca Paulo Santos e o Paço Imperial. Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro. v. 384, p. 574-578, jul./set. 1994.

SEGAWA, Hugo. Quatro séculos de arquitetura pelo cronista da arquitetura carioca. *Revista Projeto*, São Paulo, n. 39, p. 22, 1982.